

Sobre vogais médias em posição postônica não final na fala popular do Rio de Janeiro

On mid vowels in non-final posttonic position in the popular speech of Rio de Janeiro

Alessandra De Paula

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro-RJ – Brasil

Silvia Figueiredo Brandão

Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq – Rio de Janeiro-RJ – Brasil



Resumo: Este estudo focaliza as vogais médias em posição postônica não final na fala popular do Estado do Rio de Janeiro. A análise, que é realizada em duas etapas, tem por objetivo determinar os fatores sociais e linguísticos que norteiam o alteamento dessas vogais. A primeira etapa é desenvolvida segundo os pressupostos da sociolinguística variacionista e com base em um *corpus* de fala espontânea representativo das regiões Norte e Noroeste. A segunda, apoia-se em dados selecionados de cartas de dois atlas fonéticos que recobrem dezesseis comunidades de diferentes áreas do Estado. Os resultados das análises demonstram que, na fala espontânea, o alteamento das duas vogais médias é quase categórico, enquanto, na fala monitorada, decresce a frequência do alteamento da vogal posterior e predomina a variante média da vogal anterior.

Palavras chave: Vogais médias; Posição postônica; Alteamento; Rio de Janeiro

Abstract: This study focuses on mid vowels in non-final posttonic position in the popular speech of Rio de Janeiro State. The analysis, which is performed in two stages, aims to determine the social and linguistic factors that guide the raising of these vowels. The first step is developed according to the assumptions of variationist sociolinguistics and based on a sample of spontaneous speech representative of the North and Northwest regions. The second relies on data selected from phonetic maps of two atlases that cover sixteen communities in different areas of the State. The analysis results show that, in spontaneous speech, the raising of the two mid vowels is almost categorical, while, in monitored speech, decreases the frequency of the back vowel raising and predominates the mid variant of the front vowel.

Keywords: Mid vowels; Posttonic position; Raising; Rio de Janeiro

1 Introdução

O sistema vocálico do Português do Brasil vem, sistematicamente, sendo objeto de estudos em diferentes perspectivas teóricas, quer no que se refere ao seu funcionamento nas diferentes pautas acentuais, quer no que toca, em especial, aos processos que atingem as vogais médias. É grande o número de trabalhos que as focalizam em contexto pretônico, diferentemente do que ocorre em relação ao contexto postônico não-final, analisado sobretudo no âmbito dos dialetos do Sul (VIEIRA, 1994, 2002, 2009), na fala de Belo Horizonte (RIBEIRO, 2007), no Noroeste paulista (RAMOS, 2009) e na do Rio de Janeiro por De Paula (2009, 2010, entre seis outros) e Brandão; Santos (2008, 2009).

Há diferentes interpretações para a determinação do quadro das vogais na posição postônica não final. Nas perspectivas de Câmara Jr. (1977) e Wetzels (1992), em decorrência de neutralização que atingiria, de um lado, as médias anteriores, de outro, as médias e altas posteriores, ocorreriam quatro segmentos – /i e a u/; já para Bisol (2003), nessa posição, ora se implementariam as cinco – /i e a o u/ – ora as três – /i a u/ – vogais decorrentes das neutralizações que ocorrem, respectivamente, em contexto pretônico e postônico final.

No presente estudo, busca-se retomar a análise das vogais médias em contexto postônico não final na fala do Rio de Janeiro, tendo como foco a variedade popular, com base em amostras de perfis sócio e geolinguístico que não abarcam a capital do Estado. No entanto, para uma melhor

compreensão do fenômeno em território fluminense e, ainda, para fins comparativos, apresenta-se, no item 3, uma síntese dos resultados das análises empreendidas na área carioca.

2 Suporte teórico, metodologia e perfil dos informantes

A variação no âmbito das médias não finais foi observada por meio de diferentes tipos de análise, tendo em vista que a dificuldade na obtenção de dados determinou a utilização de amostras diversificadas, organizadas segundo diferentes enfoques metodológicos.

Levaram-se em conta: (a) 60 entrevistas do tipo DID do *corpus* APERJ (*Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro*); (b) 7 cartas fonéticas do *Atlas Fonético do entorno da Baía de Guanabara* – AFeBG (LIMA, 2006) e do *MicroAtlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro* – Micro-AFERJ (ALMEIDA, 2008), que obedecem a critérios metodológicos comuns, inclusive no que respeita ao questionário aplicado.

Os dados de fala espontânea, oriundos das entrevistas do tipo DID, a princípio, foram formatados para análise segundo a perspectiva sociolinguística variacionista (LABOV, 1972, 1994, 2001), com o apoio do Programa Goldvarb-X e com base no controle de duas variáveis extralinguísticas (escolaridade e faixa etária) e sete estruturais: contextos antecedente e subsequente, natureza das vogais antecedente e subsequente, classe da palavra, posição na raiz ou fora dela, classificação lexical (relativa ao caráter mais ou menos usual do vocábulo). Consideraram-se, em separado, as vogais médias anterior e posterior, mas controlaram-se, em ambos os casos, as mesmas variáveis. No entanto, como se verificará no item 5.1, os resultados globais obtidos acabaram por inviabilizar a realização da análise multivariada de caráter binário (alteamento X manutenção). Já os dados advindos dos atlas linguísticos foram analisados apenas com base em índices percentuais, observando-se, inclusive, cada vocábulo de forma pontual.

Os 60 informantes do *corpus* APERJ são do sexo masculino, analfabetos ou escolarizados até a quarta série do ensino fundamental, naturais das regiões Norte e Noroeste do Estado, distribuindo-se por três faixas etárias (18-35; 36-55; 56-75 anos). Os 24 do AFeBG e os 72 do MicroAFERJ, com nível fundamental de escolaridade (até a quinta série), distribuem-se por sexo e pelas referidas faixas etárias.

Uma questão que perpassa o conjunto de dados aqui considerado e o torna heterogêneo diz respeito aos estilos de fala nele representados e ao monitoramento do discurso. Considera-se que, nos inquiridos do tipo DID, o falante esteja menos preocupado com a elocução, encontrando-se resultados mais próximos da fala cotidiana. Já nas

entrevistas com que se obtiveram os dados dos atlas, o indivíduo estaria mais atento ao seu discurso, pois a aplicação de questionário imprimiria um caráter mais formal à situação de fala, o que poderia concorrer para inibir o cancelamento e/ou o alteamento da vogal.

Labov (1972) afirma que o linguista, ao levantar dados, deve atentar, entre outros aspectos, (i) à “alternância de estilo” de acordo com a mudança do contexto de fala, (ii) ao “monitoramento do discurso”, (iii) à busca pelo “vernáculo”, obtido quando o falante está pouco atento à sua fala e (iv) à “formalidade do discurso”, que, em maior ou menor grau, nunca está completamente neutralizada na entrevista sociolinguística. Para ele, o pesquisador deve preocupar-se com a inevitável interferência de injunções estilísticas quando da análise dos fatores que condicionam uma determinada variante, de modo a não falsear a realidade linguística.

Labov estabelece, a princípio, uma divisão básica entre “fala casual” (*casual speech*) e “fala monitorada” (*careful speech*), referente ao contexto formal. A fala monitorada é o contexto discursivo predominante na entrevista formal e refere-se à situação em que o informante está atento a sua elocução, ao contrário da fala casual, que dificilmente é encontrada pelo linguista no levantamento de dados controlados. Labov inclui a situação de entrevista no âmbito da fala monitorada, encontrada quando o falante está respondendo às perguntas que reconhece como pertencentes à entrevista. Nesse caso, no entanto, pode ser encontrada também a “fala espontânea”, que corresponde aos momentos da entrevista em que o falante se encontra tão envolvido emocionalmente com o conteúdo de seu relato que investe uma atenção mínima à forma como está falando. Como diz Labov (1972: 111), a fala espontânea “se refere ao padrão usado na fala excitada, carregada de emoção, quando os constrangimentos de uma situação informal são abandonados”. Assim, o contexto formal apresenta dois estilos diferentes – o monitorado e o espontâneo –, enquanto o contexto informal apresenta sempre o estilo casual. Segundo o autor, a fala espontânea aparece frequentemente no decorrer da entrevista e pode ser considerada um correlato da fala usual em contextos formais.

A diversidade dos *corpora* é interessante na medida em que torna possível comparar o comportamento linguístico de indivíduos com características sociais semelhantes em tipos de discurso diversos, mais ou menos formais. Enquanto os dados dos atlas fornecem o estilo de fala monitorada, as entrevistas do tipo DID do APERJ permitem a observação da fala espontânea.

3 Considerações preliminares

As proparoxítonas, o menor grupo acentual em Português, constituem, de acordo com Araújo et al. (2007:

37-38) um conjunto de 18.413 vocábulos, o que representa 12,20% das 150.875 palavras por eles consideradas. Nesse conjunto, apenas 20,2% equivalem a vocábulos com postônicas não-finais médias, conforme índices percentuais também por eles fornecidos (op. cit.: 57-58):

/i/	/e/	/a/	/o/	/u/
65,5%	9,7%	10,9%	10,5%	3,6%

Assim, este trabalho diz respeito, em tese, a um universo de 3.719,42 vocábulos, dos quais, a grande maioria é muito pouco frequente na fala espontânea. Para confirmar essa baixa produtividade, realizou-se um levantamento com base na referida listagem de proparoxítonas¹, escolhendo-se aleatoriamente as iniciadas por N, P e U e, entre elas, selecionando as que faziam parte do vocabulário ativo e passivo das autoras, chegando-se ao resultado exposto na Tabela 1. Em suma, das 218 proparoxítonas apuradas com <e> e 216 com <o>, apenas, respectivamente, vinte (9,1%) e vinte e uma (9,7%) seriam usuais/semiusuais.

Tabela 1 – Vocábulos com postônicas não-finais médias em três subconjuntos do léxico

Letra	Vocábulos com postônicas não finais médias/ Nº total de proparoxítonas		Integrantes do voc. ativo/passivo
	<e>	<o>	
N	49/468 10%	45/468 9,6%	nádega, nêspora, número necrópole, numerólogo, nutrólogo
P	146/1.656 8,81%	147/1.656 8,87%	pálpebra, pân-dega(o), parâmetro, parassíntese, parêntese, perímetro, pêssego, petrolífero, pluviômetro, polissíndeto, póster, presbítero, prolífero, próspero, prótese, púbere Paleontólogo, palíndromo, parábola, parapsicólogo, pároco, paroxítono(a), pécora, pedólogo, pentágono, pérola, petrólogo, podólogo, polígono, pólvora, prólogo, proparoxítono(a), própolis, psicólogo
U	23/164 14%	24/164 14,6%	úbere, úlcera, úmero, útero ufólogo, uníssono, unívoco

Entre as proparoxítonas, há vários compostos formados por duas ou mais bases eruditas, de origem grega e latina. Apesar de o sentido da maior parte delas ser facilmente decodificado por um falante com bom nível de escolaridade, não são usuais na fala espontânea em função de pertencerem à linguagem técnica e/ou científica. Estão nesse caso vocábulos como *paleoetnólogo*, *necrógeno*, a que se somam termos por vezes circunscritos à modalidade escrita. Araújo et al. (2007: 54), comparando a distribuição da frequência de uso de cada tipo de tonicidade com a frequência global das palavras em português, mostram

que as proparoxítonas podem ser classificadas, em sua maioria, como raras (47,5%) e incomuns (24,8%), estando os 27,8% restantes distribuídos entre as comuns (16,4%) e as frequentes (11,4%).

Justifica-se, assim, a constituição da amostra de perfil sociolinguístico, em que, a despeito dos 60 inquéritos utilizados, se computaram somente 278 dados de /e/ e 697 de /o/. Concorrem, ainda, para a idiosincrasia do *corpus*, a alta produtividade de alguns vocábulos, como *época*, *árvore* e *número* e a tendência ao cancelamento da vogal quando a estrutura fonotática do vocábulo faculta a ressilabificação, como servem de exemplo *a.bó.bo.ra* → *a.bo.bra* e *vés.pe.ra* → *ves.pra*.

4 Breve notícia sobre as postônicas médias na fala carioca

Para a observação do alteamento na fala da cidade do Rio de Janeiro, De Paula (2010) realizou análises variacionistas com base em amostras organizadas com dados selecionados de 18 inquéritos do projeto NURC e 25 do projeto PEUL, computando, no âmbito da fala culta, 88 ocorrências referentes à vogal anterior e 93 à posterior e, no âmbito da fala popular, respectivamente, 40 e 218.

Enquanto a vogal posterior teve maior alteamento em ambas as variedades (fala culta: 83,9%; fala popular: 100%), a vogal anterior mostrou comportamento diferenciado: na fala culta, predominou a variante média (77,3%), na popular, a alta (99%).

Apesar do pequeno número de dados – como já se disse, inerente à baixa produtividade da variável em pauta na fala espontânea – pode-se deduzir que o sistema de três elementos vocálicos – /i a u/ – se encontra implementado entre os falantes de níveis fundamental e médio de instrução da capital.

Quanto à fala culta, o alteamento da posterior parece estar em fase final de implementação, ao passo que o da anterior, ainda com baixíssimo *input* (.18) obedece a restrições relativas ao sexo do falante (mulher: p.r. .68; homem: p.r. .33) e à classificação lexical dos vocábulos (usuais: p.r. .47; pouco usuais: p.r. .68). Essa variedade de fala aproxima-se do que foi proposto por Câmara Jr. Como se sabe, o linguista teve como referência para seus estudos especialmente a fala culta carioca da década de 1940 (sua tese foi defendida em 1949)², o que permite relacionar diretamente os resultados aqui apresentados à sua descrição do quadro vocálico postônico não final.

¹ Agradecemos a Araújo et al. por nos terem, gentilmente, fornecido a listagem de proparoxítonas por eles organizada.

² A informação consta da Nota Prévica em Câmara Jr. (1953).

5 Análise dos dados

5.1 Com base na amostra de perfil sociolinguístico

Computaram-se, na amostra de fala espontânea, 975 dados suscetíveis de apresentarem vogal média postônica não final subjacente, 278 referentes a /e/ e 697 a /o/. Como se observa pela Tabela 2, em ambos os casos, o percentual de cancelamento da vogal – por vezes acompanhado também da síncope do *onset* da sílaba seguinte (*árvore* \mapsto *arvre* ~ *arve*) – é mais representativo do que o percentual de ocorrência da variante média. Além disso, o cancelamento é menor quando se trata da vogal anterior.

Tabela 2 – Índices da variação das vogais médias em contexto postônico não final na amostra de fala espontânea (APERJ)

Corpus de fala espontânea (APERJ)						
Variante	Anterior			Posterior		
	Oco	Perc.	Exemplo	Oco	Perc.	Exemplo
Alta	229	82,4%	num[i]ro	537	77,1%	árv[u]re
Média	16	5,8%	num[e]ro	25	3,59%	arv[o]re
Cancelamento	33	11,9%	numo	135	19,4%	arve
Totais	278	100%		697	100%	

Por outro lado, os índices de 11,9% e 19,4% de cancelamento representam um fenômeno comum na fala popular, o qual enquadra os proparoxítonos no padrão acentual paroxítono – o mais comum em português.

Confrontando-se apenas os casos de concretização, verifica-se que predomina a elevação das vogais médias (c.f. Tabela 3).

Tabela 3 – Índices referentes à concretização das vogais médias em contexto postônico não final na fala espontânea (corpus APERJ)

Amostra de fala espontânea (APERJ)			
Anterior		Posterior	
[i]	[e]	[u]	[o]
229/245	16/245	537/562	25/562
93,5%	6,5%	95,5%	4,5%

O altíssimo índice de alteamento, processo praticamente categórico, inviabilizou o sucesso de quaisquer das rodadas realizadas com o Programa Goldvarb-X, o que demonstra estar o processo de alçamento das médias em via de total implementação na fala espontânea da variedade popular.

Embora a análise multivariada não tenha sido possível, podem-se tecer algumas observações quanto ao comportamento dos dados em relação a algumas das variáveis controladas.

Quanto à classe do vocábulo, os substantivos comuns representam quase a totalidade dos dados: foram encon-

tradas apenas quatro ocorrências de adjetivos (*agrícola*, *carnívoro*, duas vezes, e *autônomo*) e uma de substantivo próprio (*Teresópolis*), no âmbito de /o/; já no âmbito de /e/, contabilizou-se apenas um dado de adjetivo (*indígena*).

A observação dos percentuais referentes ao comportamento das faixas etárias (Tabela 4) demonstra que o alteamento de /e/ e /o/ na fala espontânea do Norte e do Noroeste do Estado tem caráter estável, à semelhança da situação de /e/ observada por De Paula (2010) na fala culta, variedade em que a variante média ainda é preservada, sendo, inclusive, a predominante.

Tabela 4 – Variável faixa etária na amostra de fala espontânea (APERJ)

Fator	Variável faixa etária			
	Vogal Anterior		Vogal Posterior	
	[i]	[e]	[u]	[o]
Faixa 1	33/36 91,7%	3/36 8,3%	179/193 92,7%	14/193 7,3%
Faixa 2	129/137 94,2%	8/137 5,8%	265/269 98,5%	4/269 1,5%
Faixa 3	67/72 93,1%	5/72 6,9%	93/100 93%	7/100 7%
Total	229/245 93,5%	16/245 6,5%	537/562 95,6%	25/562 4,4%

Os resultados referentes à variável escolaridade evidenciam convergência entre o comportamento dos falantes analfabetos e o dos escolarizados até a quarta série, no que diz respeito às duas vogais. Os percentuais de alteamento são semelhantes, por volta de 95%, tanto para /e/ quanto para /o/.

Tabela 5 – Variável escolaridade na amostra de fala espontânea (APERJ)

Fator	Variável escolaridade			
	Vogal Anterior		Vogal Posterior	
	[i]	[e]	[u]	[o]
Analfabeto	120/127 94,5%	7/127 5,5%	195/199 98%	4/199 2%
Primário	109/118 92,4%	9/118 7,6%	342/363 94,2%	21/363 5,8%
Total	229/245 93,5%	16/245 6,5%	537/562 95,6%	25/562 4,4%

Uma das variáveis avaliadas neste e em outros estudos de De Paula sobre as médias no contexto pós-vocálico – classificação lexical – tinha por objetivo verificar se palavras mais usuais na fala corrente estariam mais sujeitas ao alteamento. Para tanto, definiram-se quatro fatores: termos usuais, termos pouco usuais, termos reconhecíveis (e/ou técnicos) e termos restritos ou em desuso – e/ou técnicos não reconhecíveis (para os critérios e o suporte bibliográfico que presidiu a essa classificação, consultar De Paula, 2010).

Rotularam-se como termos (a) usuais, aqueles pertencentes ao vocabulário ativo de todos os falantes, cultos ou não; tais palavras são aprendidas no convívio familiar e ocorrem com alta frequência na fala; (b) pouco usuais, palavras que configuram o vocabulário passivo dos falantes, aquele adquirido no contexto escolar ou no contato com o texto escrito; considera-se que tais palavras figuram na língua falada, mas são mais frequentes na fala culta do que na popular; (c) reconhecíveis, vocábulos cujos sentidos, apesar de serem facilmente descodificados por um falante com alto nível de escolaridade, não são usuais na fala espontânea em função de pertencerem à linguagem técnica e/ou científica; conquanto também integrem o vocabulário passivo, essas palavras dificilmente figuram na fala cotidiana; (d) restritos, termos considerados totalmente fora de uso ou circunscritos a textos absolutamente técnicos, como é o caso de palavras como *abrótega*, *balanófora*, *enacoságono*, *linfaférese*, *loxódroma*, *palibotro*, *radiastrônomo* e *sincrocíclotron*.

Conforme se esperava, verificou-se um índice de alteamento mais baixo em termos considerados não usuais do que em termos usuais, principalmente no que se refere à vogal anterior. Embora tenham sido encontrados poucos termos pertencentes ao vocabulário passivo dos falantes nas entrevistas do APERJ, o que também se esperava (apenas 24, em 78 entrevistas de aproximadamente uma hora de duração cada), a realização de alguns deles com a vogal média (2 em 4, no âmbito de /e/; 3 em 20, no âmbito de /o/) sugere que a baixa ocorrência da vogal média neste *corpus* possa ter algum condicionamento formal/lexical na fala popular.

Tabela 6 – Variável classificação lexical na fala espontânea (APERJ)

Fator	Variável classificação lexical			
	Vogal Anterior		Vogal Posterior	
	[i]	[e]	[u]	[o]
Usual	227/241 94,2%	14/241 5,8%	520/542 95,9%	22/542 4,1%
Não usual	2/4 50%	2/4 50%	17/20 85%	3/20 15%
Total	229/245 93,5%	16/245 6,5%	537/562 95,6%	25/562 4,4%

5.2 Com base nas amostras de perfil geolinguístico

As sete cartas fonéticas do AFeBG e do *MicroAFERJ* levadas em conta neste estudo referem-se aos vocábulos *cócegas*, *número*, *útero* – com vogal /e/ subjacente – e *árvore*, *abóbora*, *fósforo* e *pérola* – com vogal /o/ subjacente. Como já foi dito, esses dois *corpora* foram constituídos segundo critérios metodológicos comuns e,

como se esperava, um confronto preliminar demonstrou que existe um comportamento convergente entre os dois, como se expõe na Tabela 7, que reúne os dados de ambos os atlas. Do total de ocorrências, subtraíram-se os 17 casos de alteração da vogal média.

Tabela 7 – Índices gerais referentes à variação das vogais médias em contexto postônico não final em amostra selecionada de cartas do *MicroAFERJ* e do AFeBG

Variante	Amostra selecionada do <i>MicroAFERJ</i> e do AFeBG					
	Anterior			Posterior		
	Oco	Perc.	Exemplo	Oco	Perc.	Exemplo
Alta	23	9%	cóc[i]ga	189	54%	pér[u]la
Média	156	60%	cóc[e]ga	47	13%	pér[o]la
Cancelamento	82	31%	cosca	118	33%	[pera]
Totais	261	100%		354	100%	

Os dados apresentam grande discrepância quando comparados aos resultados obtidos com a amostra de fala espontânea (APERJ). Os índices de cancelamento passaram de 11,9% e 19,4% para as vogais anteriores e posteriores, respectivamente (c.f. Tabela 2) para 31% e 33%, conforme a Tabela 7. Além disso, a frequência da média chegou a superar a do alteamento no âmbito da vogal anterior, alcançando a marca dos 60%.

As tabelas a seguir indicam os percentuais encontrados em cada atlas.

Tabela 8 – Índices referentes à variação das vogais médias em contexto postônico não final em amostra selecionada de cartas do *MicroAFERJ*

Variante	Amostra selecionada do <i>MicroAFERJ</i>			
	Anterior		Posterior	
	Oco	Perc.	Oco	Perc.
Alta	14	7,1%	150	55,4%
Média	125	63,1%	32	11,9%
Cancelamento	59	29,8%	89	32,8
Totais	198	100%	271	100%

Tabela 9 – Índices referentes à variação das vogais médias em contexto postônico não final em amostra selecionada de cartas do AFeBG

Variante	Amostra selecionada do AFeBG			
	Anterior		Posterior	
	Oco	Perc.	Oco	Perc.
Alta	9	14,3%	39	47%
Média	31	49,2%	15	18,1%
Cancelamento	23	36,5%	29	34,9
Totais	63	100%	83	100%

Um índice mais significativo de manutenção da média era esperado e confirmou a hipótese de que o monitoramento da fala inibiria o alteamento da vogal. Mas ainda assim, não se esperava que a representatividade da

vogal média fosse tão mais expressiva que a da alta, como ocorreu no âmbito de /e/. O índice de manutenção para essa vogal (60%) aproxima-se muito mais dos resultados referentes à fala culta – no *corpus* NURC, 77,3% – do que dos encontrados para falantes com o mesmo grau de escolaridade (6,5%). Isso corrobora a hipótese de que as variantes médias, fortemente relacionadas à língua padrão, por figurarem com frequência na fala culta, na fala popular ocorreriam apenas em situações com algum grau de formalidade.

Por outro lado, o aumento do cancelamento que, a princípio, parece ir contra a hipótese levantada, é explicado pela constituição lexical do *corpus*. No momento da elaboração do questionário geolinguístico, os pesquisadores procuram observar, entre outros, os processos de apagamento que ocorrem nos vocábulos proparoxítonos e que os encaixam no padrão acentual paroxítono. Por isso, ele é composto, em sua maioria, por itens com estrutura fonotática que favorece a redução silábica, o que será detalhado no próximo item, em observação pontual do léxico encontrado.

A exemplo do que se fez em relação à fala espontânea, retiraram-se do total dos dados os casos de cancelamento a fim de se verificar a variação na concretização da vogal:

Tabela 10 – Índices referentes à concretização das vogais médias em contexto postônico não final por tipo de amostra geolinguística

Amostra	Anterior		Posterior	
	[i]	[e]	[u]	[o]
MicroAFERJ	14/139 10%	125/139 90%	150/182 82%	32/182 18%
AFeBG	9/40 22%	31/40 78%	39/54 72%	15/54 28%

É importante sublinhar que o quadro das vogais posteriores é mais aproximado do de entrevistas do tipo DID do que o das anteriores. Nos dados dos atlas, a posterior ainda manteve um maior percentual de alteamento (95,5% na fala espontânea (APERJ) e 82% e 72%, no *MicroAFERJ/AFeBG*). Nos atlas, no que se refere à vogal anterior, a manutenção da média mostrou-se fortemente predominante sobre o alteamento (90% e 78%), o que corrobora a ideia de que a vogal anterior, em contexto postônico não final, é mais resistente à redução fonológica, embora também seja por ela atingida.

O universo de apenas sete vocábulos permite realizar uma análise pontual das sete cartas, observando com clareza cada item e, assim, buscando determinar de forma mais precisa os condicionamentos lexicais e fonotáticos da variação no âmbito das vogais médias.

Dos sete vocábulos estudados (cf. Tabela 11), seis apresentam, em sua estrutura fonotática, condições para a redução das sílabas postônicas. A queda da vogal permite

ressilabação tanto pela formação de um *onset* complexo nas palavras *útero* (*utro*), *árvore* (*arvre*), *abóbora* (*abobra*) e *fósforo* (*fosfro*) quanto pela transposição do tepe e da fricativa sibilante, que abrem sílaba nos termos *pérola* e *cócegas*, para a coda silábica anterior: *perla* e *cosca*.

Tabela 11 – Índices referentes às sete cartas dos *corpora* geolinguísticos

MicroAFERJ			
Anterior	[i]	[e]	ø
cócegas	14/64 44%	11/64 17%	39/64 39%
número	0/65 0%	62/65 95%	3/65 5%
útero	0/69 8%	52/69 75%	17/69 17%
Total	14/198	125/198	59/198
AFEBG			
Anterior	[i]	[e]	ø
cócegas	2/21 9,5%	2/21 9,5%	17/21 81%
número	6/22 27%	14/22 64%	2/22 9%
útero	1/20 5%	15/20 75%	4/20 20%
Total	9/63	31/63	23/63
AFEBG			
Posterior	[u]	[o]	ø
árvore	4/19 21%	8/19 42%	7/19 37%
abóbora	9/23 40%	4/23 17%	10/23 43%
fósforo	11/24 46%	1/24 4%	12/24 50%
pérola	15/17 88%	2/17 12%	0/17 0%
Total	39/83	15/83	29/83

No âmbito de /o/, a palavra com menor índice de cancelamento, “pérola” (17% e 0%), teve um comportamento diferente das demais. A vogal alta esteve representada em 80% e 88% dos casos, enquanto a média restringiu-se a apenas 3% e 0% das ocorrências, mostrando que, nesse contexto, predomina o sistema de três fonemas vocálicos.

Com relação a /e/, a palavra *número* apresentou índice de cancelamento abaixo de 10%. Uma vez mantida a vogal anterior, nesse item lexical, a realização como média chegou a 95% e 64% nas amostras do *MicroAFERJ* e *AFeBG*, respectivamente. Lembra-se, entretanto, que esta

proparoxítona também pode ter sua estrutura reduzida de outras formas, como pelo apagamento da vogal postônica não final e da consoante no ataque da sílaba subsequente, (*numo*), pela queda completa da sílaba postônica não final, (*nuro*), ou ainda de outras formas menos comuns, como a também encontrada nos atlas (*num*). Já a segunda palavra com menos apagamento de /e/ – *útero*, com índices de 17% e 20% – apresentou apenas um caso de alteamento (uma em 68 ocorrências): a vogal média foi preservada em 75% dos casos, nos dois atlas.

6 Considerações finais

A utilização de diferentes amostras mostrou-se relevante, uma vez que permitiu avaliar, com maior acuidade, como se comportam as vogais médias em contexto postônico não final na fala popular do Rio de Janeiro. Verifica-se que o alteamento atua de forma assimétrica: no âmbito de /o/, sua implementação é evidente em qualquer situação comunicativa; no âmbito de /e/ é refreado pela maior formalidade do discurso.

Também a comparação dos resultados desta análise com os obtidos em estudos anteriores sobre a fala popular e culta da capital do Estado (c.f. item 4), fornece evidências, a um tempo convergentes e divergentes, quanto à atuação do alteamento: (a) nas regiões Norte e Noroeste, na fala popular, em situação de fala espontânea, apesar da alta frequência desse processo, ainda se observam casos de concretização das variantes [e] e [o], diferentemente do que ocorre na capital, em que o alteamento, tanto da vogal anterior quanto da posterior, é categórico; (b) o comportamento da vogal média anterior na fala popular monitorada de diferentes regiões do Estado coincide com o que se observa na fala culta carioca não monitorada, em que a variante [e] predomina largamente sobre a alta.

Isso sugere que, na cidade do Rio de Janeiro, nesse contexto, se implementariam três vogais – /i u a/ – na variedade popular e quatro – /i e a u/ –, na culta, em situação de fala espontânea. Já nas demais áreas do Estado, se estaria configurando um quadro bastante favorável ao uso do subsistema de três vogais, só inibido, principalmente no que tange à vogal anterior, quando o falante monitora seu discurso, o que se representa a seguir.

Quadro 1 – Vogais em contexto postônico não final segundo variedade/estilo na fala do Rio de Janeiro

Cidade do Rio de Janeiro		Demais regiões do Estado	
Variedade culta	Variedade popular	Variedade popular	
- monitorada	- monitorada	- monitorada	+ monitorada
/i e a u/	/i a u/	/i a u/	/i e a u/

Tais constatações, naturalmente, requerem estudo mais aprofundado que não só leve em conta situações

discursivas mais monitoradas também no âmbito da fala carioca, mas ainda focalize, de forma mais detalhada, implicações de natureza lexical, aqui apenas esboçadas por meio do controle da variável classificação lexical.

Referências

- ALMEIDA, Fabiana S.C. *Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro: uma contribuição para o conhecimento dos falares fluminenses*. 2008. 2v. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- ARAÚJO, Gabriel A.; VIARO, Mário; GUIMARÃES FILHO, Zwinglio O.; OLIVEIRA, Leonardo. As proparoxítonas e o sistema acentual do português. In: ARAÚJO, G.A. (Org.). *O acento em português: abordagens fonológicas*. São Paulo: Parábola, 2007. p. 37-60.
- BISOL, Leda. A neutralização das átonas. *Revista D.E.L.T.A.*, v. 19, n. 2, p. 267-276, 2003.
- BRANDÃO, Silvia F.; SANTOS, Alessandra de P. O comportamento das vogais médias postônicas não finais na fala fluminense. In: HORA, Dermeval (Org.). *Vogais: no ponto mais oriental das Américas*. João Pessoa: Ideia, 2009. p. 195-204.
- BRANDÃO, Silvia F.; SANTOS, Alessandra de P. *Vogais médias postônicas não finais nas falas culta e popular do Rio de Janeiro*. 2008. Trabalho apresentado ao XV Congresso Internacional da Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL). Montevideu, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación de la Universidad de la República, 18-21 ago. de 2008. Não publicado.
- CÂMARA JR, Joaquim M. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- CÂMARA JR, Joaquim M. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Simões, 1953.
- DE PAULA, Alessandra. *Vogais médias postônicas na fala do Estado do Rio de Janeiro*. 2010. 162fls. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- DE PAULA, Alessandra. Vogais médias postônicas não finais na fala culta carioca. 2009. Trabalho apresentado ao VI Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN). João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, 04-07 mar. de 2009. Não publicado.
- LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1972.
- LABOV, William. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwell Publishers, 1994. v. 1.
- LABOV, William. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell Publishers, 2001. v. 2.
- LIMA, Luciana G. *Atlas Fonético do entorno da Baía de Guanabara-AFeBG*. 2006. 2v. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- RAMOS, Adriana P. *Descrição das vogais postônicas não-finais na variedade do noroeste paulista*. 2009. 175fls. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista São José do Rio Preto, 2009.

RIBEIRO, Darinka F.S. *Alçamento de vogais postônicas não finais no português de Belo Horizonte – Minas Gerais: uma abordagem difusionista*. 2007. 274fls. Dissertação (Mestrado) – Belo Horizonte, Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2007.

VIEIRA, Maria J.B. 1994. *Neutralização das vogais médias postônicas*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994.

VIEIRA, Maria J.B. As vogais médias postônicas: uma análise variacionista. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia.

(Org.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 127-159.

VIEIRA, Maria J.B. As vogais médias átonas nas três capitais do sul do País. In: BISOL, Leda; COLLISCHONN, Gisela (Org.). *Português do sul do Brasil: variação fonológica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. p. 50-72.

Recebido: 28/2/2012

Aprovado: 30/4/2012

Contato: silvia.brandao@terra.com.br
anelassard@gmail.com